

Resumos apresentados no 51º Congresso Nacional de Botânica Brasília, 23-29 de julho de 2000

O BANCO DE DADOS DA FLORA ACREANA. Pág. 289

Douglas C. Daly - The New York Botanical Garden (ddaly@nybg.org)

Marcos Silveira, Universidade Federal do Acre/Universidade de Brasília (silveira.marcos@uol.com.br)

Embora pesquisas florísticas e sistemáticas no Norte do Brasil, de um modo geral tenham diminuído nos últimos 10 anos, estudos desenvolvidos no Acre, através de um convênio formal entre a Universidade Federal do Acre e o New York Botanical Garden vão contra esta tendência. Nesse período desenvolvemos um banco de dados contendo todas as informações disponíveis sobre as coleções botânicas realizadas no Acre desde a excursão pioneira de Ernst Ule em 1901. Os dados mais antigos são espalhados e em certos casos, parcialmente acessíveis. O banco de dados contém aproximadamente 15.000 registros completos (para dados de campo) e inclui a maioria das coleções históricas. O banco de dados é imprescindível para quase toda a produtividade do convênio, incluindo o checklist preliminar da flora do Estado, análises dos dados botânicos para o Plano de Manejo para o Parque Nacional da Serra do Divisor e para o Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado (em andamento), análise preliminar das afinidades florísticas da flora acreana e de um índice dos mais de 1.000 nomes vulgares para as plantas acreanas. Análises do banco de dados permitem a identificação de centros de diversidade ou de endemismo, ocorrências de fitofisionomias raras ou únicas, e "buracos negros" onde a flora continua quase completamente desconhecida, direcionando assim, estudos de campo. O checklist preliminar baseia-se em 8365 coleções identificadas até espécie. Até o início deste ano, registra-se 3273 taxa (inclusive taxa infra-específicas); ainda não podemos tentar uma estimativa da flora total do Estado, mas sem dúvida, a curva expressando o número de taxa vs. o número de coleções continua côncava: por enquanto, cada terceira identificação por taxonomistas significa uma espécie a mais acrescida à flora acreana.

ÍNDICE DE DENSIDADE DE COLETAS COMO UMA MEDIDA DO GRAU DE (DES) CONHECIMENTO DA FLORA ACREANA. Pág. 174.

Marcos Silveira, Universidade Federal do Acre/Universidade de Brasília (silveira.marcos@uol.com.br)

Douglas C. Daly - The New York Botanical Garden (ddaly@nybg.org)

A vegetação e a flora do sudoeste da Amazônia apresentam um caráter especial no cenário amazônico, principalmente na Amazônia brasileira, em função dos muitos contrastes, transições entre floras, raridades e endemismos. O grau de conhecimento e de representatividade de uma flora podem ser avaliados a partir do Índice de Densidade de Coletas ($IDC = \text{número de coletas no herbário} / 100 \text{ km}^2$). Visando determinar prioridades de investimentos relacionados à conservação, durante a fase preliminar do Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Acre, calculamos o IDC para a área total do Acre, para os 22 municípios e para as bacias hidrográficas, com base em 13642 coletas realizadas no estado (1901 até o presente). Até 1971 haviam no Acre apenas 0.2 coletas em cada 100 km²; em 1991 o IDC aumentou para 4.5 coletas/100 km² e, atualmente, em 153.149 km², o Acre apresenta um IDC de 8.9 coletas/100 km². Rio Branco, Sena Madureira, Cruzeiro do Sul, Mâncio Lima e Tarauacá são os únicos municípios com mais de 1000 coleções; sete municípios possuem menos de 100 coleções; Epitaciolândia e Jordão não registram nenhuma coleta. Mâncio Lima e Brasiléia apresentam os maiores valores de IDC (43.90 e 22.15 coletas/100 km², respectivamente). Com 6.62 coletas/100 km², a bacia do Purus é considerada o "buraco negro" no conhecimento florístico regional e a bacia do Rio Acre é a região mais coletada do estado (11.89 coletas/100 km²). Alguns municípios da bacia do Juruá apresentam IDCs relativamente altos mas a baixa densidade em outros (Jordão, Feijó e Rodrigues Alves), limitaram o índice em 8.67 coletas/100 km². O Acre ainda é pouco conhecido floristicamente, e, com base na evolução da densidade de coletas nesse último período (1991-1999), se não houver uma intensificação dos esforços de coletas botânicas, o tempo necessário para que a flora regional se torne mais conhecida (50 coleções/100 km²), é de 80 anos.

O Estado do Acre é considerado por especialistas como um "hot spot", em função de sua flora demonstrar alta diversidade, disjunções chamativas, uma alta taxa de endemismo, e afinidades surpreendentes. Nesta análise preliminar das afinidades florísticas de espécies da flora acreana, selecionamos dentre as coleções identificadas por taxonomistas, as taxa cujos epítetos pudessem indicar distribuições não amplamente espalhadas e revisamos todos os mapas contidas na série *Flora Neotropica*. A distribuição dos taxa foi verificada através de consultas à literatura taxonômica, ao herbário do New York Botanical Garden, e ao TROPICOS, o banco de dados *on-line* do herbário do Missouri Botanical Garden. Informações sobre tipos de vegetação originaram dos dados nos rótulos no herbário, experiência própria, mapas de vegetação, e correspondência com botânicos. Nove padrões foram revelados: (1) raras (5 coleções ou menos) e estreitamente endêmicas; (2) raras e restritas à Amazônia sul-ocidental; (3) não raras mas restritas à Amazônia sul-ocidental; (4) restritas à Amazônia ocidental; (5) raras e com distribuições aparentemente disjuntas; (6) afinidades com os Andes e/ou piemonte dos Andes; (7) afinidades com formações sobre areia branca; (8) afinidades com regiões mais secas; e (9) espalhadas na Amazônia. Os resultados indicam que existe uma subdivisão fitogeográfica sul-ocidental da Amazônia; a parte sudeste do Estado tem afinidades fortes com regiões mais secas; a Serra do Divisor com os Andes; e as formações sobre areia branca com vegetação semelhante, em outras partes da Amazônia. Endemismos e distribuições na Amazônia são artefatos da baixa densidade e intensidade de coleta e, infelizmente as chances de mudança num futuro próximo, não são boas, visto que a atividade botânica na região diminuiu dramaticamente com o encerramento do Projeto Flora Amazônica, em 1987. Por isso as distribuições devem ser checar freqüentemente e o número de distribuições amostradas deve aumentar. Para confirmar estas hipóteses, os próximos passos envolvem análises cladísticas e moleculares de grupos taxonômicos selecionados.
